

SABERES DAS BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES EDUCADORAS EM PIEN/PR

Nádia Ribeiro[1]

João Luis Dremiski[2]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, Saberes e Práticas Educativas nos Movimentos Sociais e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este artigo busca discutir a importância da valorização dos saberes tradicionais das benzedeiras no contexto da Educação do Campo, entendendo-os como expressões vivas do patrimônio imaterial. Rezas, simpatias, uso de plantas medicinais e práticas de cura são heranças culturais transmitidas entre gerações, na maioria das vezes por mulheres que desempenham papéis fundamentais em suas comunidades. A pesquisa se baseia em observações realizadas no município de Piên, Paraná, e tem como objetivo refletir como tais conhecimentos podem ser incorporados nas práticas pedagógicas e no fortalecimento de comunidades educadoras no campo. O estudo desses saberes populares foi desenvolvido no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e Parfor Equidade. As ações de campo ocorreram nos bairros Ponte Alta, campina dos Maias, Gramados, Palmitos e Fragosos, por meio de visitas, rodas de conversa e entrevistas com moradores e benzedeiras, Priorizou-se o contato direto, ético e sensível com os sujeitos da pesquisa, em oposição a abordagens distanciadas, valorizando os membros da comunidade como detentores dos ofícios e dos saberes tradicionais das benzedeiras, através da escuta ativa de sujeitos locais e da produção de conteúdos educativos inspirados nesses saberes, onde o trabalho evidencia a potência de práticas pedagógicas que integram o conhecimento tradicional e o científico. A pesquisa explora a riqueza da identidade camponesa manifestada nos saberes ancestrais das benzedeiras e como esses conhecimentos são passados de geração para geração, carregando uma profundidade que vai além do simples fazer, revelando um complexo saber-fazer. Essa escolha metodológica não apenas garantiu a profundidade e a autenticidade dos dados coletados, mas também reafirmou o compromisso da Educação do Campo com o vínculo afetivo, o diálogo e a valorização das experiências locais.

Palavras-chave: Cultura camponesa, Saúde popular, Saberes ancestrais

Introdução

O presente artigo nasce do desejo de resgatar e valorizar os saberes ancestrais presentes nas comunidades camponesas, especialmente aqueles guardados e praticados pelas benzedeiras. A escolha pelos saberes das benzedeiras como tema central desta pesquisa se justifica por ser um bem coletivo, pela sua relevância na manutenção da identidade cultural e da saúde popular, pela

1 Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR). E-mail: nadiaribeiro21@yahoo.com.br

2 Doutorando em Agronomia, docente do IFPR. E-mail: joao.dremiski@ifpr.edu.br.

resistência histórica dessas mulheres e pelo caráter educativo de suas práticas, ainda pouco reconhecidas nas instituições escolares.

A base desta investigação está ligada à minha trajetória formativa na Licenciatura em Educação do Campo do Instituto Federal do Paraná (IFPR), e se construiu por meio de visitas pessoais e diálogos diretos com as pessoas nas comunidades que detêm o conhecimento, o saber-fazer e o ofício das benzedeiras. Essa vivência possibilitou uma escuta atenta aos modos de vida tradicionais e ao papel central que essas mulheres desempenham na preservação da memória coletiva e no cuidado comunitário.

O município de Piên, localizado na região metropolitana de Curitiba, no Paraná, possui uma forte presença de comunidades rurais e grande diversidade cultural (Ipardes, 2025). Com uma população estimada em cerca de 13 mil habitantes, destaca-se por suas paisagens naturais e pela permanência de práticas tradicionais, como a agricultura familiar e o uso de plantas medicinais. As comunidades envolvidas na pesquisa são Ponte Alta, Campina dos Maias, Gramados, Palmitos e Fragosos que mantêm um modo de vida fortemente ligado à terra, à espiritualidade e à transmissão oral de conhecimentos.

Durante a pesquisa, foram realizadas ações como uma roda de conversa intergeracional, reunindo benzedeiras, jovens e educadores para dialogar sobre a continuidade dessas práticas, bem como um mapeamento participativo dos saberes tradicionais, onde os próprios moradores identificaram práticas, lugares sagrados e pessoas de referência. Essas iniciativas fortaleceram o sentimento de pertencimento e abriram espaço para que os saberes fossem reconhecidos também pelas gerações mais novas e incluídos em práticas educacionais demandadas nos PCN's como temas transversais.

Entre as dificuldades enfrentadas, destacam-se a resistência institucional à inserção dos saberes populares nos currículos escolares, o preconceito com práticas ligadas à espiritualidade popular, a sucessão geracional e a invisibilidade dessas mulheres em políticas públicas. No entanto, também emergiram potências, como o fortalecimento da identidade camponesa, a valorização dos vínculos comunitários e o despertar do interesse dos jovens pelo legado cultural de suas comunidades.



Diante desse cenário, surgem perguntas problematizadoras fundamentais: Como podemos garantir que esse saber permaneça vivo nas futuras gerações camponesas? De que maneira a escola do campo pode se tornar um espaço de acolhimento e valorização dos saberes tradicionais? Como construir políticas públicas que respeitem a diversidade epistemológica dos territórios rurais?

Como proposta de continuidade, a pesquisa aponta para a possibilidade de desdobramento das ações em um projeto de extensão rural, envolvendo escolas, universidades, movimentos sociais e lideranças locais, com o objetivo de registrar, sistematizar e difundir os saberes das benzedeiras, promovendo formações, oficinas intergeracionais e atividades culturais nas comunidades.

Ao reconhecermos que a cultura camponesa é rica em conhecimentos herdados oralmente, propomos refletir sobre a importância de aproximar as gerações atuais das práticas das benzedeiras como as rezas, as simpatias, os remédios feitos com ervas e os ritos de proteção, a fim de compreendê-las como expressões valiosas do patrimônio imaterial que compõem a identidade das comunidades. Tais práticas, transmitidas entre gerações majoritariamente por mulheres, representam formas de conhecimento construídas fora dos moldes acadêmicos, mas dotadas de profunda sabedoria, espiritualidade e conexão com a natureza.

Através da escuta sensível, da curiosidade pelo saber-fazer tradicional e do diálogo com esses saberes, buscamos contribuir para sua valorização, registro e preservação, de forma que não se percam com o tempo. O ofício das benzedeiras carrega séculos de resistência, ancestralidade e cuidado coletivo. Muitas vezes invisibilizadas pelas instituições oficiais, essas mulheres exercem um papel essencial na mediação entre o visível e o invisível, o físico e o espiritual, utilizando práticas aprendidas com os mais velhos e transmitidas oralmente por meio das gerações. Em contextos onde a medicina tradicional nem sempre está acessível, o saber das benzedeiras assume uma função vital para as comunidades, reforçando laços de solidariedade e confiança.

Em tempos marcados pela homogeneização cultural, violações de direitos, e pela predominância da racionalidade técnico-científica, reconhecer essas práticas

como legítimas formas de saber, protegidas pela Constituição Federal de 1988, OIT 169 e pela Convenção da UNESCO sobre Patrimônio Cultural Imaterial, é uma ação política e cultural urgente. Tal reconhecimento dialoga com os princípios da Educação do Campo, que defende o direito dos povos rurais a uma formação contextualizada, respeitosa com sua história, cultura e territorialidade (Brasil, 2008).

Ao evidenciar o ofício das benzedeiras como expressão do patrimônio imaterial local, pretendemos contribuir para a preservação da memória coletiva camponesa e para o fortalecimento da identidade cultural das populações rurais. Este artigo também busca provocar reflexões no campo educacional sobre a urgência de incorporar saberes populares nos processos formativos, valorizando a diversidade epistemológica e rompendo com a lógica de exclusão dos conhecimentos não hegemônicos.

Metodologia

Este estudo foi construído com uma abordagem qualitativa, buscando descrever e participar ativamente dos processos, ou seja, trata-se de uma investigação voltada ao reconhecimento, valorização e documentação de saberes populares em risco de esquecimento, por meio do contato direto com os sujeitos portadores desses conhecimentos. O tipo de patrimônio abordado é o patrimônio imaterial, especificamente os saberes populares ligados à prática viva dos benzimentos, rezas e uso tradicional de plantas medicinais. Tais práticas se configuram como expressões culturais dinâmicas, transmitidas oralmente e constantemente recriadas pelas comunidades em resposta à sua relação com a natureza, com o sagrado e com as experiências coletivas de vida. Todos elementos vivos que carregam dimensões culturais, espirituais e históricas. Ele se fundamenta nos princípios da Educação do Campo e nas diretrizes que valorizam o patrimônio cultural imaterial, guiando nossa compreensão e interação com o tema.

A pesquisa foi realizada no município de Piên (PR), abrangendo comunidades rurais onde o ofício das benzedeiras ainda está presente e ativo. O foco principal foi compreender como esses saberes são transmitidos, praticados e percebidos

atualmente, tanto pelas benzedeiras quanto pelos demais membros da comunidade. Além disso, buscou-se compreender como esses saberes dialogam com os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades rurais, como a perda da identidade cultural, o êxodo rural e a ausência de políticas públicas de valorização do patrimônio imaterial. Foram aplicadas metodologias participativas, como a realização de rodas de conversa intergeracionais e o mapeamento dos saberes, fortalecendo o vínculo comunitário e valorizando os sujeitos locais como protagonistas da pesquisa.

A realização deste estudo envolveu entrevistas e rodas de conversas com moradores mais velhos das comunidades, com benzedeiras e familiares delas, com o objetivo de ampliar o entendimento da transmissão desses saberes. Os encontros aconteceram de forma informal, em espaços como quintais, cozinhas, hortas e varandas, locais que são também territórios simbólicos de saber e cura, buscando construir vínculos de confiança com as participantes, reconhecendo suas vozes como legítimas e essenciais para a reconstrução da memória coletiva das comunidades do campo. Esses espaços, carregados de afetividade e pertencimento, permitiram uma escuta sensível e uma aproximação respeitosa às narrativas das mulheres, que compartilham não apenas técnicas de cura, mas histórias de vida, fé e resistência.

As informações coletadas foram organizadas e analisadas de forma descritiva e interpretativa, buscando evidenciar os sentidos e significados atribuídos pelas próprias benzedeiras ao que fazem, sentem e transmitem. Por fim, este estudo se revela como um exercício de reconhecimento e respeito ao outro, de valorização das vozes silenciadas pela história oficial, e de escuta dos saberes ancestrais que habitam silenciosamente os territórios do campo. Diante de uma proposta freireana que valoriza a escuta ativa e o diálogo como fundamentos de uma prática educativa libertadora, onde os saberes populares são reconhecidos como legítimos e potentes para a transformação social (FREIRE, 1996).

Mais do que um trabalho acadêmico, trata-se de uma experiência de encontro com formas de conhecimento enraizadas na terra, na espiritualidade e na coletividade, cuja preservação se faz urgente diante das ameaças da modernidade excludente.



Resultados e Discussão

As ações realizadas em campo revelaram resultados significativos para a comunidade e para a pesquisa. A roda de conversa intergeracional possibilitou a troca de saberes entre benzedeiras, jovens e educadores, promovendo uma escuta afetiva e respeitosa das histórias de vida dessas mulheres. Já o mapeamento participativo dos saberes tradicionais proporcionou a sistematização de práticas, locais e pessoas de referência para o cuidado comunitário, fortalecendo a memória e a identidade local.

Além disso, o processo de escuta e valorização das benzedeiras contribuiu para que a comunidade percebesse esses saberes como parte de um patrimônio coletivo, despertando o interesse das novas gerações em aprender, preservar e dar continuidade a essas práticas. Os resultados indicam que ações educativas que promovem o diálogo entre gerações e o reconhecimento das práticas tradicionais fortalecem a autoestima comunitária e ampliam a percepção sobre o valor da cultura local.

Além disso, o processo de escuta e valorização das benzedeiras contribuiu para que a comunidade percebesse esses saberes como parte de um patrimônio coletivo, despertando o interesse das novas gerações em aprender, preservar e dar continuidade a essas práticas. Os resultados indicam que ações educativas que promovem o diálogo entre gerações e o reconhecimento das práticas tradicionais fortalecem a autoestima comunitária e ampliam a percepção sobre o valor da cultura local.

Apesar dos avanços, foram enfrentadas dificuldades como o receio de algumas benzedeiras em compartilhar seus saberes devido a experiências anteriores de desvalorização, o preconceito institucional e religioso com práticas de cura popular e a ausência de apoio formal para registro e difusão desses conhecimentos. Ainda assim, os encontros mostraram o potencial transformador da escuta sensível e do reconhecimento como ferramentas educativas, que, quando praticadas com ética e respeito, tornam-se motor de resistência cultural e fortalecimento comunitário.



Os encontros com as benzedeiras e moradores da comunidade rural de Piên mostraram um grande conjunto de conhecimentos e práticas passadas de geração em geração. As rezas, benzimentos, simpatias e o uso de ervas medicinais revelam não só um saber sobre o cuidado com o corpo e a saúde, mas também uma forma própria de ver o mundo, onde o espiritual, o simbólico e a natureza estão todos conectados. Trata-se de um conhecimento construído na vivência cotidiana e transmitido pela oralidade, fortemente vinculado à identidade cultural local e à espiritualidade popular.

Esses saberes revelam uma forma de viver e de compreender o mundo, enraizada na ancestralidade, nas vivências compartilhadas e na relação íntima com o território. As benzedeiras entrevistadas relataram que aprenderam o ofício com suas mães, avós ou madrinhas, por meio da observação e da prática cotidiana.

Muitas destacaram que o ofício do benzimento é passado apenas a quem demonstra respeito, fé e sensibilidade para o cuidado com o outro. Há um entendimento de que o saber não é apenas técnico, mas também espiritual, sendo necessário preparo emocional e responsabilidade ao exercer essa função. O uso das palavras certas, em momentos específicos, aliado ao gesto, à intenção e ao conhecimento das ervas, é visto como parte de um “modo de curar” que não se difere do modo de viver. Esse modo de curar constitui-se como uma prática integral, que mobiliza corpo, espírito, emoção e território.

Durante as rodas de conversa e observações em campo, foi possível perceber que o saber da cura pelos benzimentos está atravessado por uma dimensão afetiva e simbólica que não se aprende nos livros, mas na vivência e no vínculo com o outro. O processo de aprendizagem se dá num contexto de convivência, onde o gesto, o silêncio e o exemplo têm tanto valor quanto a palavra.

A escuta das benzedeiras revelou o quanto suas práticas são marcadas pela ética do cuidado e pela disponibilidade ao outro, uma entrega que envolve escuta, acolhimento e fé. Essa postura cuidadora, muitas vezes não reconhecida pelas instituições formais, é o que sustenta a confiança que a comunidade deposita nessas mulheres. Foi possível observar que todas as benzedeiras entrevistadas benzem em suas próprias casas, local onde também realizam o cultivo ou o preparo

das ervas utilizadas. As casas apresentam imagens e altares com santos católicos, como Nossa Senhora Aparecida, São José, Santo Antônio, o que reforça o caráter religioso das práticas. Esse ambiente doméstico, impregnado de religiosidade popular, torna-se também um território simbólico de cura, onde o cotidiano se mistura ao sagrado.

As rezas são geralmente murmuradas, quase inaudíveis, e muitas vezes incompreensíveis, o que, segundo Castro e Melo (2021, p. 144), se deve ao fato de serem práticas transmitidas oralmente, em que parte do sentido original pode se perder com o tempo. Ainda segundo os autores, “a maioria só benze em casa”, o que evidencia o aspecto íntimo e sagrado do ofício. Essas observações em campo também confirmam o que dizem Marin e Scorsolini-Comin (2017) sobre o vínculo entre benzedeiras, espaço doméstico e fé popular, muitas vezes sincrética. Há, assim, uma sacralização do cotidiano, em que o território do lar torna-se também território de cura. Isso revela uma espiritualidade enraizada no território e nas relações, que resiste às lógicas institucionais e formais da religião.

Nas conversas e observações também foi possível observar que o saber da cura pelos benzimentos pode estar ameaçado pelo esquecimento, desvalorização e perda da continuidade pelas novas gerações. Algumas benzedeiras expressaram tristeza ao perceberem que os mais jovens não demonstram o mesmo interesse ou respeito por essas práticas, muitas vezes consideradas ultrapassadas ou associadas a crenças sem valor no mundo atual.

A influência das religiões estruturadas, com suas normas e autoridades, somada à medicina formal, também contribui para o afastamento dos saberes tradicionais das benzedeiras do cotidiano das novas gerações. No entanto, apesar dessas queixas, relatam que há uma confiança afetiva e simbólica nas benzedeiras: são elas que muitas vezes são procuradas antes mesmo do serviço de saúde formal, especialmente para enfermidades populares como “bichas”, “peito aberto”, “rendiduras” e “quebranto”, reconhecendo nelas uma sabedoria que articula corpo, espírito e tradição. Esse reconhecimento comunitário mostra que os saberes das benzedeiras continuam sendo um importante referencial de cuidado, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e ausência de políticas públicas efetivas.



As pessoas relatam que se sentem mais acolhidas ao serem benzidas, muitas vezes recuperando forças que não vêm apenas da cura física, mas de uma sensação de proteção e reconexão com a fé.

Ao benzer, elas não apenas cuidam do corpo, mas reafirmam uma identidade ancestral, marcada pela oralidade, pela fé, pela relação com as plantas e com os ciclos da natureza. Em suas práticas, estão inscritos valores como solidariedade, reciprocidade, humildade e gratidão. Esses valores estruturam um modo de vida comunitário, onde o cuidado é partilhado e a cura é também relacional.

Nesse contexto, fica claro que os saberes das benzedeiras não são apenas formas de cuidar da saúde de uma pessoa, mas também ajudam a fortalecer a identidade das comunidades do campo. Eles mostram o quanto o território, os laços com os antepassados e a continuidade da cultura local são importantes. Cada gesto feito durante uma reza, cada planta escolhida para um remédio, carrega uma parte da história do povo que vive ali, suas memórias, suas crenças e sua trajetória de resistência.

Esses saberes preservam modos próprios de viver, sentir e cuidar, expressando formas de existência enraizadas na coletividade, são expressões de um patrimônio imaterial vivo, em constante transformação, mas sempre ligado à memória e à experiência compartilhada.

Ao escutar e registrar essas práticas, percebemos que é preciso ampliar o que entendemos por “conhecimento”. Muitas vezes, só se valoriza o saber que vem da ciência, deixando de lado tudo aquilo que é aprendido com a vida, com a experiência e com os mais velhos.

Reconhecer que as benzedeiras têm um saber verdadeiro é também abrir espaço para questionar a ideia de que só existe um tipo de conhecimento válido. Isso nos ajuda a valorizar os saberes populares e antigos, e a construir um olhar mais justo, mais atento e mais ligado à realidade das comunidades e dos territórios em que vivem. Por serem passados de geração em geração e estarem ligados a modos de viver próprios de cada lugar, esses saberes compõem um patrimônio imaterial vivo. Sua preservação não depende apenas de serem registrados, mas, principalmente, de serem reconhecidos como parte valiosa da cultura, com respeito

à sua importância e ao papel que desempenham na vida das comunidades. A continuidade desses saberes exige também espaços de escuta, acolhimento e valorização dentro dos processos educativos e das políticas públicas culturais.

Assim, os resultados desta pesquisa mostram que, mesmo diante das ameaças contemporâneas, os saberes das benzedeiras seguem como fontes de resistência cultural, de identidade coletiva e de pertencimento comunitário, desafiando o apagamento e nos ensinando outras formas de viver, cuidar e lembrar. Trata-se de um legado de sabedoria e humanidade que deve ser reconhecido como essencial para a construção de comunidades mais sensíveis, solidárias e conscientes de sua história.

Conclusão

Este estudo buscou dar voz e visibilidade aos saberes das benzedeiras no contexto da Educação do Campo, reconhecendo-os como expressão fundamental do patrimônio cultural imaterial das comunidades rurais. Ao valorizar as rezas, os benzimentos, as simpatias e o uso das plantas medicinais, foi possível compreender que esses saberes não se resumem a práticas isoladas, mas constituem um modo de vida profundamente enraizado na ancestralidade, na relação com o território e nos vínculos comunitários. São formas de conhecimento que expressam uma racionalidade distinta, fundamentada na conexão entre espiritualidade, natureza e coletividade.

A pesquisa revelou que as benzedeiras desempenham um papel essencial na manutenção da identidade camponesa, atuando como guardiãs de saberes e práticas que conectam passado, presente e futuro. Mesmo diante dos desafios impostos pela modernização, pela desvalorização cultural e pelas pressões das instituições formais, essas mulheres resistem e mantêm viva uma tradição que é também um ato de cuidado coletivo, espiritualidade e resistência cultural reafirmando a potência dos conhecimentos populares.

Compreender e reconhecer essas formas de conhecimento amplia a noção de saber legítimo, promovendo uma perspectiva plural e inclusiva que reconhece a

importância dos diferentes modos de conhecimento popular. Ao integrar os saberes das benzedeiras às práticas educativas, abre-se a possibilidade de reconstruir o currículo escolar com base no respeito à diversidade epistemológica e cultural do campo.

A valorização desses saberes também permite tensionar as lógicas institucionais que excluem os conhecimentos não hegemônicos, evidenciando o potencial transformador da escuta sensível e da pedagogia do território. A preservação desses saberes depende, portanto, não apenas do registro documental, mas do reconhecimento social, do respeito e da valorização das práticas tradicionais como parte viva da cultura camponesa.

Entre as contribuições do estudo, destaca-se a proposta de continuidade por meio de um projeto de extensão rural, voltado à sistematização, difusão e vivência dos saberes das benzedeiras. Através de oficinas intergeracionais, formação de educadores e ações culturais, seria possível fortalecer os vínculos entre escola, universidade e comunidade, ampliando os espaços de valorização da sabedoria ancestral.

Diante disso, reforçamos a necessidade de se fazer perguntas problematizadoras como: Como podemos garantir que esse saber permaneça vivo nas futuras gerações camponesas? Que papel a escola e a universidade podem assumir na preservação e transmissão desses conhecimentos? Quais políticas públicas podem sustentar e fortalecer essas práticas de modo permanente?

Por fim, este trabalho reforça a importância de processos educativos e sociais que acolham, respeitem e integrem os saberes ancestrais no fortalecimento das comunidades rurais, contribuindo para a construção de territórios educativos que promovam o diálogo entre ciência, tradição e cultura local.

A valorização dos saberes das benzedeiras é, portanto, um gesto político e pedagógico de resistência e esperança, essencial à construção de comunidades educadoras mais sensíveis, enraizadas e comprometidas com sua própria história.

Assim, a valorização dos saberes das benzedeiras é também um passo fundamental para a preservação da diversidade cultural, da memória coletiva e da dignidade das populações do campo. É um gesto político e pedagógico de

reconhecimento de outras formas de existência, resistência e sabedoria que habitam silenciosamente os espaços rurais brasileiros.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n.2, de 28 de abril de 2008.** Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 abr. 2008.

CASTRO, G.; MELO, C. **Um olhar sobre as benzedeiras do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular**. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL/IPARDES. (2025). **Cadernos municipais.** Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MARIN, R.; SCORSOLINI-COMIN, F. **Benzedeiras, bem-estar e socioespacialidade**. 2017.

DOS SANTOS, F. V. **O ofício das benzedeiras: Comunicação de crenças e práticas terapêuticas em Cruzeta** (RN). 2018.

CASTRO REIS, L. S.; MASSARA, R. A. M. **As benzedeiras e o sagrado como patrimônio imaterial de Minas Gerais. Fragmentos de Cultura,** 2023.